

## **MULHERES E A NÃO MATERNIDADE: narrativas de professoras**

Maria José Pinto de Mello Carvalho <sup>1</sup>

Karla Cunha Pádua <sup>2</sup>

Magda Guadalupe dos Santos <sup>3</sup>

### **Resumo**

Este trabalho resulta de uma pesquisa que tem como objetivos compreender as significações da maternidade por meio de narrativas de professoras que não foram mães, observando os constrangimentos sociais que passam as mulheres que não desejam ter filhos e como isso se relaciona com sua experiência docente. Como metodologia, utilizamos a abordagem biográfico-narrativa e o instrumento da entrevista narrativa com professoras não mães, na faixa etária entre 40 e 70 anos. Neste trabalho, situamos os caminhos teórico-metodológicos adotados em nossa pesquisa, bem como o perfil sociocultural das professoras entrevistadas. Como resultados das análises preliminares percebemos, no decorrer das narrativas, a riqueza dos relatos desses sujeitos, professoras, inscritas numa história plural.

**Palavras-chave:** Docência; maternidade; narrativas; gênero

### **Introdução**

A maternidade sempre despertou curiosidades e opiniões acerca de seus significados. A mãe é socialmente valorizada na nossa cultura. Imprimem-se a seu status valores como o respeito, a responsabilidade, a dedicação. Valores como esses também são associados culturalmente à figura da professora que, muitas vezes, é vista socialmente como uma segunda mãe.

Escolher mulheres que não foram mães para falar sobre a maternidade justifica-se por acreditar que existe uma visão diferente nas representações de si mesmas e na necessidade de um aprofundamento de estudos sobre o tema, especialmente na área de educação. Daí a necessidade

---

<sup>1</sup> PPGE-UEMG, zezeburu@gmail.com

<sup>2</sup> PPGE-UEMG, karla.padua@uemg.br

<sup>3</sup> PPGE-UEMG, magda.guadalupe@yahoo.com.br

de trazer suas vozes, nos abrir para o que trazem de novo e diferente da nossa familiaridade engessada.

Compreender as significações da maternidade, observando os constrangimentos sociais que passam as mulheres que não desejam ter filhos é o que nos interessa pesquisar nas experiências docentes, em que se entrecruzam projetos pessoais e vida profissional, relações de gênero, assim como tensões situadas historicamente.

Dentro da abordagem biográfico-narrativa, utilizamos como instrumento de pesquisa entrevistas narrativas com professoras que não foram mães, na faixa etária entre 40 e 70 anos. Neste trabalho, apresentamos a discussão de questões metodológicas consideradas importantes para a realização de entrevistas narrativas, situando os caminhos teórico-metodológicos adotados em nossa pesquisa, bem como o perfil sociocultural das professoras entrevistadas. São professoras da educação básica, que não tiveram filhos, por diferentes razões, as quais, às vezes, apresentam-se relacionadas com a condição docente, outras vezes com as trajetórias familiares, projetos pessoais e ainda há impedimentos de outras naturezas, de acordo com suas próprias realidades.

### **Caminhos teóricos-metodológicos**

Louro afirma que “a eleição de um determinado caminho metodológico está comprometido com as formulações teóricas que se adotam.” (2007, p. 215) Os campos de estudo pelos quais transitamos, especialmente estudos de gênero, partem da investigação qualitativa, principalmente quando se quer compreender experiências e significações dos sujeitos de acordo com suas próprias realidades. Nesse sentido, optamos por trabalhar com narrativas de professoras que não foram mães, de modo a apreender tais experiências e significações, usando para isso o instrumento da entrevista narrativa.

A entrevista narrativa é um instrumento de pesquisa qualitativa que, diferentemente da entrevista semiestruturada, baseia-se em uma única questão gerativa capaz de provocar uma

narração do sujeito, a partir do tema de estudo, que vai estimular a narrativa principal do sujeito entrevistado (FLICK, 2004).

De acordo com Teixeira e Pádua (2006), a entrevista é um encontro sócio antropológico de sujeitos com diferentes registros culturais, o que exige do pesquisador uma fina escuta. O entrevistado empresta sua vida ao entrevistador e essa relação deverá ser tratada com muita delicadeza. Cabe ao entrevistador a busca de informalidade, da espontaneidade e da confiança dos sujeitos.

Devemos lembrar que a narrativa é uma construção compartilhada entre pesquisador e participante (CONNELLY; CLANDINI, 1995). Mediante essa construção, a partir de nossas pesquisas, chega-se a constituir, em conjunto, a identidade da qual cada um é “como projeto” (BOLÍVAR, 2014). Entendendo a escrita como fruto de uma produção mútua (PÁDUA, 2020), nos é colocada a questão do respeito com a fala do “outro”. Afinal a intersubjetividade é sempre construída através de relações. A esse respeito a antropologia tem muitas contribuições a oferecer quanto à pesquisa etnográfica. Segundo Beaud e Weber, “a observação etnográfica não se assenta sobre universos dos indivíduos, mas sim sobre universos de relações” (2014, p. 31). Portanto, o pesquisador não pode se fazer esquecer em suas análises.

Para entender melhor esse aspecto, da intersubjetividade compartilhada, trazemos aqui o exemplo de uma experiência de pesquisa que nos chamou a atenção pela proximidade com o tema de nosso trabalho. Utilizando-se de relatos autobiográficos, as pesquisadoras discutem a forma como se desenrolou a pesquisa e as relações e conexões entre pesquisadoras e participantes (HAMPHISHIRE, 2014). Trata-se de uma “etnografia narrativa” sobre infertilidade e dificuldade reprodutiva entre um grupo de imigrantes na Inglaterra. Seu objetivo era entender etnograficamente a cultura como parte do que é chamado “o trabalho diário da etnicidade”. A forma como foi conduzido o trabalho de campo, a escolha de história de vida como instrumento de pesquisa, visando a encorajar os participantes a relatar suas experiências de vida reprodutiva em sequência cronológica, lembrou-nos muito a forma como são conduzidas nossas entrevistas narrativas. As pesquisadoras relataram também como a aparência e experiência dos entrevistadores influenciaram no formato do processo das entrevistas.

Todos esses aspectos remeteram-nos a reflexões sobre nossa própria pesquisa, como será relatado neste trabalho posteriormente. Em especial à forma como o gênero, a raça, a idade, a ocupação profissional do pesquisador influenciam na facilidade ou dificuldade de obter relatos, possibilitando ou não penetrar mais profundamente no mundo do entrevistado.

Todas essas reflexões sobre as relações entre pesquisador e participante pautaram nossas escolhas no processo de pesquisa. Para delimitar o universo de professoras não mães, utilizamos alguns cortes, como o de idade e de atuação na educação básica. Realizamos as entrevistas com professoras com idades que supõe-se que a maioria das mulheres ou já foram mães ou já desistiram de ser, uma vez que a mulher aproxima-se do final da vida reprodutiva, daí o uso do verbo no passado “tiveram” ou “foram” relacionado a esse corte de idade. Cabe frisar que a ênfase em mulheres que não foram mães ou não tiveram filhos é diferente de mulheres que não gestaram. Entre essas últimas poderá existir aquelas que adotaram um filho, “alugaram uma barriga”, dentre outros casos e, portanto, foram mães.

Seguindo esses critérios, a partir da primeira entrevistada, ocorreu o processo denominado “bola de neve” ou “em cadeia” (BOLÍVAR, 2002, p. 562), segundo o qual, cada participante indica outra, desde que esta última seja acessível e concorde em dar entrevista. Vale enfatizar que esse critério de escolha das entrevistadas “em cadeia” facilitou bastante o desenrolar da pesquisa. O pesquisador ganha “aliados”, o que agiliza a pesquisa (BEAUD ; WEBER, 2014). Você encontra fulano, explica-lhe a natureza de sua pesquisa, discute livremente com ele, ganha sua confiança e ao final do encontro pede que o ajude a prosseguir em sua pesquisa. Ele indica o nome de fulano e de beltrano que, por sua vez, lhe darão o nome de tal e tal e etc. Os autores acrescentam que, nesse processo, a recusa em conceder entrevistas nem sempre pode ser considerada como negativa, pois poderá mais tarde ser analisada e trazer informações (dados importantes) sobre o tema.

Realizamos entrevistas com professoras que não tiveram filhos por diferentes motivos: opção, falta de oportunidade de arranjar um parceiro, infertilidade dela ou do parceiro, falta de recursos para tratamento de infertilidade, dentre outros. Quanto ao corte em relação à atuação das

professoras na educação básica justificou-se, pois, para trabalhar um de nossos objetivos específicos, que é investigar a relação da docência com a maternidade, optamos por professoras que trabalham com crianças e adolescentes, por entendermos que antes da idade adulta a figura da mãe é mais marcante.

Como nos mostra Teixeira e Pádua (2006), outro aspecto importante é a temporalidade inscrita na entrevista. A escolha da data, horário da entrevista pelos entrevistados e entrevistador deve obedecer a um tempo em que eles possam dispor livremente sem atropelos de tarefas que possam interromper a narrativa e cuidar também do período de duração da entrevista. É preciso escutar o silêncio, sem quebrá-lo, deixá-lo transbordar. Apreender o gesto, as emoções, a expressão corporal do entrevistado. Nesse sentido, o caderno de campo é interessante para registro da situação da entrevista.

Beaud e Weber (2014) observam que há sempre um momento, após o participante ter falado por um longo período de tempo, mais no final da entrevista, “em que seu interlocutor se empolga com a discussão e esquece o quadro formal dela (...) O entrevistado põe-se a dizer coisas que jamais diria no início da entrevista. Esses últimos momentos são sempre os mais ricos, os mais pessoais...” (p.141)

Para análise e interpretação dos dados, seguirei a perspectiva hermenêutico-dialética, conforme a concepção de Minayo (2002), por acreditar que essa abordagem seja mais apropriada para o trabalho com narrativas que, segundo Bolívar (2002) tem evitado uma abordagem excessivamente categorial e levantado críticas à análise de conteúdo. A abordagem hermenêutica nos dá maior liberdade interpretativa no diálogo com as narrativas das mulheres, o que pode nos permitir equilibrar suas vozes com as teorias e os trabalhos de contextualização feitos pela pesquisadora.

Entendendo a cultura e a sociedade como textos a ler e a interpretar (GEERTZ, 1978), é fundamental perguntar em que contexto o discurso ou a narrativa foram produzidos, em qual lugar social eles emergem e são veiculados, quais as relações de poder os perpassam. Na medida em que as narrativas revelam processos sociais e históricos (SILVA ; PÁDUA, 2010) que

extrapolam a subjetividade de quem narra, a sua contextualização é um processo fundamental a ser construído pelo/a pesquisador/a durante o processo de análise das entrevistas, o que implica uma busca ativa de dados e sua triangulação (BOLÍVAR ; DOMINGO, 2006).

Esse aspecto contextual, na nossa pesquisa, foi tratado com bastante cuidado pois, além de sua importância para toda pesquisa qualitativa, observamos que o estudo do tema em questão – professoras não mães – apresentou conexões provocadas por indicadores sociais de gênero, idade, ocupação/função na escola. Esses indicadores foram significativos na abertura ou disponibilidade para a fala. A identificação a partir do gênero – uma mulher falando com outra mulher sobre maternidade – foi imediata. O fato de a pesquisadora estar na mesma faixa etária das pesquisadas também foi um facilitador. Também compartilhamos de identidade profissional docente.

No entanto, no processo dessa pesquisa em andamento, surgiram algumas inquietações, no que se refere ao lugar da pesquisadora frente a suas interlocutoras, que vale aqui considerar. Na pesquisa biográfica, o processo de interlocução é uma via de mão dupla. A história narrada é contada a alguém que ocupa um lugar social e é identificado como tal, do ponto de vista do narrador. Ela será contada a essa pessoa a quem, de início, já se apresenta com uma certa identidade.

Nas duas primeiras entrevistas que realizamos observamos diferenças de leituras da pessoa-pesquisadora por parte das narradoras, o que de certa forma, conduziram os relatos. Ambas as narradoras são professoras na escola na qual uma das pesquisadoras trabalha como coordenadora. Percebemos que uma delas a considera como uma igual, o que fez com que a narrativa transcorresse mais solta e espontânea. Porém, a outra entrevistada a via numa posição de “autoridade”, como se estivesse narrando a alguém que considera superior. Nessa última entrevista, observamos na fala da entrevistada uma certa tensão e uma necessidade de justificar-se o tempo todo.

Essa posição de autoridade representada pelas pesquisadoras, por mais informal e descontraída que seja a entrevista, não pode ser desconsiderada. Podemos fazer uma analogia ao processo que

experimentamos como professoras na interação que estabelecemos em sala de aula. Já é conhecido que os privilégios de raça, sexo e classe dão mais poder a alguns alunos que a outros (HOOKS, 2017, p. 246) concedendo maior “autoridade” a algumas vozes que a outras. Sabemos que nossa capacidade de aprender juntos é fortalecida pela experiência física de ouvir, escutar cada voz em particular.

Transpondo essa realidade para nossas situações de pesquisas, consideramos importante observar a posição que as pesquisadoras representam diante das entrevistadas. São observações que pretendemos perseguir no decorrer das próximas entrevistas, que se fazem fundamentais nas análises dos resultados. Afinal na tentativa de apreender os espaço-tempos singulares (DELLORY-MOMBERGER, 2012), o investigador deve ter conhecimentos do campo e contextos, pois o fato da fala ser atravessada pela história sociocultural faz dela uma dimensão constitutiva da realidade.

Reiterando Larrosa (2004), construímos nossos textos em relação a outros textos, o que é válido tanto para as narrativas das mulheres pesquisadas, quanto para a das pesquisadoras em suas análises, sendo assim, o nosso papel como intérprete é explicitar a intertextualidade e as outras vozes presentes em cada narrativa. Nesse sentido, devemos procurar nos textos que produzimos um equilíbrio entre o discurso “êmico” (dos sujeitos ou “nativos”) e a nossa interpretação (do pesquisador). Representar os “outros” que pesquisamos nos textos que produzimos é bastante delicado (PÁDUA, 2020). Não se trata, pois, de deixar falar apenas os “nativos”, mas de, no diálogo com eles, fertilizar nossa imaginação com novas ideias e categorias de análise. (CARNEIRO DA CUNHA, 2009)

Segundo Bolivar (2014, p. 718), respeitar em excesso o discurso êmico dos professores e professoras, no sentido hermenêutico de suas vozes, conduz a que a interpretação fique presa dentro do horizonte dos interpretados impossibilitando toda explicação comparativa, generalizável ou teórica; o que torna supérflua qualquer tarefa de análise.

Complementando com as observações de Teixeira e Pádua (2020, p. 79), não se trata de apenas repetir ou apresentar o que foi narrado. Ao pesquisador cabe trazer “a compreensão sociológica,



um entendimento sócio-histórico propriamente dito, que exigirá um esforço de teorização e de problematização do que foi narrado, construindo-se uma narrativa outra.”

Segundo Goodson (2015), vivemos na era das “pequenas narrativas”. Narrativas mais individualizadas, desprovidas de referências à movimentos sociais, estórias narrativas específicas sobre as pessoas. Mas vale lembrar que as nossas falas estão vinculadas a um modo sociocultural de viver, portanto, através delas, abrimos janelas para observarmos a paisagem social. O autor acrescenta que

o desafio atual é encontrar significado não nas crises nacionais, mas na vida cotidiana de cada um... o que ouvimos quando nos contam uma história de vida é uma combinação de estórias arquetípicas derivadas de forças sociais mais vastas e das caracterizações pessoais que o narrador invoca. (2015, p.16)

O resgate das narrativas nesses tempos de exacerbação de produtividade e aceleração da vida, nos traz a possibilidade de “oferecer tempos e espaços para se contar e ouvir histórias construídas a partir da experiência dos sujeitos” (PÁDUA, 2020, p. 22).

### **Perfil sociocultural das entrevistadas**

O trabalho de campo iniciou em 2022, começando com uma sondagem sobre o universo da pesquisa e os possíveis sujeitos participantes. Com o propósito de contemplar uma maior diversidade de condição social, etnia, raça, orientação sexual, a seleção das entrevistadas seguiu alguns critérios, como mencionado anteriormente.

Participaram desta pesquisa cinco mulheres na faixa etária entre 40 e 60 anos. Todas as entrevistadas são professoras da educação básica e não têm filhos. Três são solteiras, uma é casada e uma separada. A seleção das participantes se deu pelo contato de pessoas que nós conhecíamos nessas condições e também pela indicação das próprias participantes. Ao comentarmos, no nosso ambiente de trabalho - uma escola particular de educação básica- sobre a pesquisa algumas professoras se ofereceram para dela participar.



Antes de apresentar cada uma individualmente, apresento uma síntese do grupo analisado para termos uma ideia melhor do conjunto. A etnia das participantes foi autodeclarada, sendo três brancas e duas negras. cursaram o ensino fundamental e médio em escola pública, com exceção de uma entrevistada que fez a fase final do fundamental e o ensino médio em escola particular. Antes de serem professoras, todas tiveram uma ocupação remunerada. Algumas trabalhavam enquanto estudavam ou cursavam faculdade. Duas participantes vêm de família extensa, com mais de sete filhos e as outras tem apenas um irmão ou irmã. Todas são de Minas Gerais. Três residem no interior, em Cássia, cidade com pouco mais de dezoito mil habitantes. As outras, em Belo Horizonte e Sete Lagoas. Na educação básica, as professoras têm diferentes atuações, como será descrito posteriormente. Apenas uma é aposentada. Elas têm curso superior na modalidade de licenciatura ou bacharelado. Duas têm mestrado. O tempo de atuação na docência varia de 13 a 34 anos.

A seguir, apresentamos as professoras e suas trajetórias pessoais e profissionais trilhadas, que serão analisadas posteriormente à luz do referencial teórico. O nome delas foi substituído para preservar a identidade das mesmas. A razão da substituição do nome foi explicada a cada participante. Apenas uma entrevistada pediu para que ela mesma escolhesse o nome que substituiria o seu. O fez em homenagem a um conjunto musical do qual participava que se chamava “Valquírias”. Os demais foram escolhidos pela pesquisadora, buscando uma semelhança com as letras iniciais dos nomes originais.

*Elisângela* tem 40 anos, é branca, solteira e a escolha por não ter filhos está associada à perda da mãe precocemente (aos 12 anos). Desde então se viu cuidando do pai. Nascida e criada em Pratápolis, uma pequena cidade do interior de Minas, com uma rede de parentesco extensa a seu redor, só saiu de sua cidade natal quando terminou o ensino médio, em busca de formação superior. cursou o ensino fundamental e médio na única escola pública da sua cidade. Depois, mudou-se para Bebedouro, onde fez um ano de cursinho pré-vestibular. Em seguida, ingressou no curso de Letras na Unesp de Assis. Fez seu mestrado na Unicamp na área de teoria e história literária.

Tem treze anos de experiência docente. Após o mestrado, trabalhou por um período de um ano como revisora em uma agência de publicidade. No ano seguinte, voltou para sua cidade natal, onde mora com seu pai. A partir de então, ingressou na carreira docente, lecionando na UEMG, em Passos por um ano. Logo após, foi contratada como professora de língua portuguesa e literatura em duas escolas particulares em cidades vizinhas a sua, onde atua até o momento.

Recentemente, fixou residência em Cássia, cidade vizinha onde trabalha mais dias na semana, para facilitar seu deslocamento e ter mais liberdade, contudo, geralmente passa os finais de semana na companhia do pai. Desde a infância, mantém fortes laços familiares, dizendo ter boa relação com primas, tias e com o único irmão. Gosta de criança, mas não sente a necessidade de ser mãe. Valoriza sua independência e autonomia. Na adolescência, enquanto as amigas cultivavam sonhos de casar e ter filhos, sonhava em estudar e ter uma profissão. Acha que o difícil de ser solteira e sem filho é que a família toda acha que está disponível para cuidar de todo mundo.

*Vera* é branca, separada, tem 43 anos. O fato de não ter filho para ela não foi uma escolha, mas consequência de várias tentativas em vão. No início do casamento, ela e o marido valorizavam ter uma vida social sem filhos. Então demorou dez anos para terem a iniciativa de tentar a gravidez. O filho não veio naturalmente, então resolveram fazer uma tentativa malsucedida de inseminação artificial. Esta professora passou por um procedimento longo, idas e vindas a um centro médico mais desenvolvido – Ribeirão Preto – que fica a 110Km da pequena cidade onde mora no interior de Minas. Foi um processo dispendioso e doloroso para ela. O casal teve que vender um imóvel para arcar com as despesas e o procedimento não deu certo.

Desistiu de engravidar. Hoje vive bem sem filhos e até aponta vantagens por não tê-los. Na sua experiência docente percebe os jovens hoje desmotivados, sem preocupação com os pais. Também agradece por não ser mãe, pois, segunda ela, na sua situação atual de separada não prejudicou ninguém. Acredita que, se tivesse filhos, a separação poderia trazer prejuízos à criança principalmente na fase inicial de escolarização.

Vera vem de uma família extensa, de nove irmãos, da qual só ela conseguiu fazer faculdade. Desde muito nova começou a trabalhar e conciliava estudo com a docência. Cuidou muito dos pais idosos, mas pensa que os filhos gerados “nos dias de hoje” não cuidarão de seus pais como faziam ela e seus irmãos. Na sua fala aponta as facilidades de ingresso a um curso superior e conseqüentemente a trabalhos fora, em outras cidades, como causas dos filhos não cuidarem mais dos pais.

Sua formação desde a idade escolar foi em escola pública. Ingressou na faculdade uns três anos após ter concluído o ensino médio. Além da formação em licenciatura de Matemática fez um segundo curso superior, de Farmácia, para isso, sempre teve que se deslocar para cidades vizinhas, onde frequentava o curso noturno, viajando por cerca de 100 Km (ida e volta), pois na cidade onde mora não tem faculdade.

*Valquírias* tem 54 anos, é negra, solteira e trabalhou como professora por 34 anos. Hoje é aposentada, mas ainda trabalha como professora substituta, quando é requisitada. Ser mãe nunca foi uma opção na sua vida. Caçula de uma família de sete filhos, quando criança, nunca teve uma boneca ou gostou de brincar de casinha. Via suas irmãs brincarem, mas não se interessava. Relata que foi o exemplo das suas irmãs em seus relacionamentos afetivos que a desestimulou ainda mais a casar e ter filhos. Seus pais também não a incentivaram ao casamento. Eram muito rígidos quanto à escolha de um parceiro para suas filhas. Também não as estimularam a estudar. Nas palavras de Valquírias: “na minha casa eu sou a única que tem ensino médio. Pensa bem, é mulher, negra...tinha rejeição, principalmente a minha mãe, ela achava que eu tinha que trabalhar.”

Nascida e criada em Cássia, pequena cidade do interior de Minas, as possibilidades de trabalho para mulheres de família de poucos recursos, na época, eram trabalhar como doméstica ou na colheita do café. E foi trabalhando de babá que Valquírias conseguiu continuar os estudos e ingressar nos anos finais do ensino fundamental. Com o dinheiro que juntou, pegou seus documentos escondidos, foi ao colégio e fez sua matrícula. Na época pagava matrícula em escola estadual. Tinha então 11 anos de idade e depois disso nunca parou de estudar.

Cursou todo o ensino fundamental e médio na escola pública. Ingressou na docência com 14 anos, quando cursava o magistério e surgiu uma proposta de lecionar na zona rural. Segundo Valquírias, foi uma época difícil porque para voltar para casa não tinha transporte. Contava com carona e, às vezes, tinha escola que era difícil o acesso, pois a escola era longe da estrada principal.

Aos 25 anos, prestou concurso do Estado e começou a trabalhar lecionando no ensino médio. Sua formação, após o magistério foi graduação em Ciências Sociais pela UEMG de Passos. Recentemente fez pós-graduação à distância em “mídias da educação” pela UFOP.

Na sua carreira, atuou em escolas públicas e privadas. Seu regime de trabalho era de 48 horas semanais, alternado nos turnos matutino, vespertino e noturno. Hoje considera que tem uma vida estabilizada. Tem seu próprio carro, faz viagens pelo menos umas duas vezes ao ano e tem projeto de investir na construção de sua própria casa.

Preza pela sua independência. Acredita que a não maternidade a aproximou de alunos adolescentes, que sempre a procuraram para compartilhar seus problemas de namoro, gravidez e drogas. Conseguiu mediar muitas situações das quais, nas suas palavras, “geralmente os pais são os últimos a saber”.

*Angélica* tem 52 anos, é negra, solteira e mora em Belo Horizonte, no bairro Ipê, região nordeste da cidade. Cursou todo o ensino fundamental e médio em escola pública, apesar de ter sido contemplada, no ensino médio, com uma bolsa de estudos, em escola particular. Tem 24 anos de experiência docente e atualmente trabalha 45 horas semanais divididas entre os cargos de professora da educação básica – ensino médio – pela manhã e vice-diretora no noturno. Cursou o magistério e após ingressou no curso de Letras na UFMG. Antes de ser professora, trabalhou no comércio como vendedora em loja. Foi também policial militar, durante cinco anos, quando cursava Letras. Mas abandonou a profissão, assim que ingressou na carreira docente.

A opção pela não maternidade, segundo ela, veio das circunstâncias da vida. Sempre se dedicou aos estudos, era muito exigente consigo mesma, o que atribui à herança da educação paterna,

que era militar. Seu foco era o estudo e o trabalho. Somado a isso, segundo ela, “nunca teve um pretendente que a convidasse a casar.” Na sua adolescência, enquanto as colegas estavam montando peças de enxoval, incentivadas ao casamento, ela estava estudando e investindo na sua formação profissional. Atribui a tudo isso seu desinteresse pela maternidade. Somado ao fato de que ser de uma família de uma educação muito rígida, conservadora, nunca lhe permitiu cogitar em ser mãe solteira. Acredita que a não maternidade a aproximou dos alunos adolescentes que sempre confidenciavam seus problemas como se fosse uma “irmã mais velha”.

*Mariângela* tem 44 anos, é branca, casada e é professora da educação básica há 20 anos. Reside em Sete Lagoas. Coursou os anos iniciais do ensino fundamental em escola pública e os anos finais e o ensino médio em escola particular. Licenciada em História pela Universidade de Sete Lagoas sempre trabalhou em escola pública com alunos de ensino médio. Trabalha no período matutino num regime de 23 horas semanais divididas entre 18 horas/aula na sala de aula e 5 horas/aula na coordenação de ciências humanas.

Antes de ingressar na docência trabalhou em uma escola de inglês como secretária e fez estágio em uma empresa. Além da licenciatura em história, Mariângela tem bacharelado em administração. Relata que sua opção pela não maternidade está ligada a um trauma familiar pelo qual passou sua mãe na gravidez de sua irmã mais nova. Desde então, não foi um projeto de sua vida e nem de seu marido. Nos últimos anos vem dedicando grande parte de seu tempo ao cuidado com seus pais, já idosos.

### **Considerações finais.**

Vale fazer algumas considerações a respeito do significado de dados relativos ao perfil das participantes. Como resultados das análises preliminares percebemos, no decorrer das narrativas, a riqueza dos relatos desses sujeitos, professoras, inscritas numa história plural, com múltiplos laços de relações que não se esgotam numa simples descrição dos seus perfis socioculturais. Nossa tentativa ao trazer seus perfis é localizar esses sujeitos em seus contextos, uma vez que as narrativas só fazem sentido se analisadas em que circunstâncias foram produzidas, em qual lugar social ela emerge e é veiculada, quais as relações de poder as

perpassam. Podemos pensar nossos sujeitos enquanto um grupo pois, compartilham de características socioculturais comuns. Essas, por sua vez, e especialmente a situação de professoras que não tiveram filhos, que é o interesse de nossa pesquisa, influenciam de maneira diferenciada a vivência subjetiva das docentes. E são as experiências subjetivas e sociais que aqui nos interessam pois, expressam múltiplas possibilidades de vida. Os desdobramentos dessa situação, de professoras não mães, em histórias de vida singulares, pautadas no contexto em que foram produzidas, apontam modos “outros” de enxergar o problema em questão e então estranhar o que nos parece convencional. Acreditamos que, dessa forma, estamos caminhando para produzir um conhecimento sócio-histórico apartado do senso comum, garantindo, pela metodologia utilizada, uma pesquisa científica de valor antropológico no campo da educação.

## REFERÊNCIAS

BADINTER, E. **O conflito: a mulher e a mãe.** Rio de Janeiro: Record, 2011.

BEAUD, Stéphane ; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos.** Petrópolis: Vozes, 2014.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov, in **Walter Benjamin, obras escolhidas, volume 1.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo: a experiência vivida – Volume 2,** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2016.

BOLÍVAR, A. De nobis ipsis silemus?: epistemologia de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista eletrônica de investigación educativa**, v.4, n.1, 2002 a, p. 1-26.

BOLÍVAR, A; DOMINGO, J. La investigación biográfica y narrativa en Iberoamérica: Campos de desarrollo y estado actual, en: **Forum: Qualitative Social Research**, Volumen 7, N° 4, Art. 12. Septiembre de 2006.

BOLÍVAR, Antonio. Las historias de vida del profesorado: voces y contextos. *Revista Mexicana de Investigación Educativa*, núm. 62 (julio-septiembre), p. 711-734, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2017.

B.MEIHY, José Carlos Sebe; SEAWRIGTH, Leandro. Passagem do oral para o escrito e guarda de documentos in **Memórias e narrativas: história oral aplicada.** Contexto, 2021.

CONNELLY, F. Michael y CLANDININ. Relatos de experiência e investigación narrativa in LARROSA, J. et. all. **DÈJAME QUE TE CUENTE: ensayos sobre narrativa y educación.** Barcelona: Laertes, 1995.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista brasileira de educação**, v.17, n.51, set-dez, 2012

FLICK, Uwe. As narrativas como dados. In: **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** 2. ed. Porto alegre: Bookman, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOODSON, J. **Narrativas em educação: a vida e a voz dos professores.** Porto editora, 2015.

HAMPSHIRE, Kate; IQBAL, Nazali; BELL, Mwenza and SIMPSON, Bob. The interview as narrative ethnography: seeking and shaping connections in qualitative research. **International Journal of Social Research Methodology**, vol.17, n.3, 215-231, 2014.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo. Martins Fontes, 2017.

JOVCHELOVITCH, S. ; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. ;GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas.** Educação em Revista. Belo Horizonte. n.46. p.201-218. Dez. 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Uma leitura da educação sob a perspectiva do gênero. **Teoria e educação 6**, Porto Alegre: Pannonica, 1992, p. 53-67.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, Vozes, 2021.

LUNA, Sérgio. **Planejamento de pesquisa: uma introdução – elementos para uma análise metodológica.** São Paulo: EDUC, 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. Objeto, método e alcance desta pesquisa. In: GUIMARÃES, A. Zalar (Org.). **Desvendando máscaras sociais.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

MINAYO, M. Cecília de Souza. Fase de análise ou tratamento do material. In: **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO, 1996.

MINAYO, M. Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1996.



PÁDUA, Karla Cunha. **A formação intercultural em narrativas de professores/as indígenas: um estudo na aldeia Muã Mimatxi.** Curitiba: ed Brazil Publishing, 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre: UFRGS, v.20, n.2, p.71-99, jul/dez 1995.

SILVA, S. A e PÁDUA, K. C. Explorando narrativas: algumas reflexões sobre suas possibilidades na pesquisa. In: CAMPOS, R.C. P. R. (Org.). **Pesquisa, Educação e Formação Humana: nos trilhos da História.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

STRATHERN, Marilyn. Necessidade de pais, necessidade de mães. **Revista estudos feministas**, Rio de Janeiro, n. 3, v. 2, 1995.

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Cosacnaify, 2014.

TEIXEIRA, Inês A. de Castro ; PÁDUA, Karla Cunha. Virtualidades e Alcances da Entrevista Narrativa. In: Congresso Internacional sobre pesquisa (auto)biográfica, II, 2006. **Anais...** Salvador: UNEB, 2006. 1 CD-ROM.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro, PÁDUA, Karla Cunha. Habitar-se: a investigação narrativa em aforismos. **Rutas de formación: prácticas y experiencias.** 12, 77-81, dez.2020.

VIANNA, Cláudia Pereira. Sexo e gênero na docência. **Cadernos pagu**, n.17/18, p.81-103/2001/02.